



BANDEIRAS DE ESPERANÇA: FÉ, IDENTIDADE CULTURAL E DIREITOS HUMANOS DAS CRIANÇAS CIGANAS CALON EM QUISSAMÃ- RJ

Banners of hope: faith, cultural identity, and human rights of Calon gypsy children in Quissamã - RJ

Maria Cristina Marques¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
DOI: 10.29327/256659.15.3-5

RESUMO:

Este artigo, derivado de uma tese defendida em 2023, busca compreender a participação ativa das crianças ciganas de etnia Calon nas procissões de fé, com o intuito de preservar a manutenção cultural e identitária. O objetivo do estudo é analisar como as crianças Calon do acampamento Mathias, em Quissamã, RJ, vivenciam e reinterpretem suas práticas religiosas e culturais, à luz dos direitos humanos e da colonialidade. A metodologia adotada foi a etnográfica, com o uso de fotoetnografia e entrevistas realizadas via celular. Os principais resultados indicam que os rituais e as promessas desempenham um papel central na vida espiritual das crianças Calon, sendo fundamentais para a afirmação de seus direitos humanos e para a resistência às dinâmicas de colonialidade. Conclui-se que as práticas religiosas, como a promessa e a procissão católicas, são essenciais para a construção e manutenção da identidade cultural e para a coesão social da comunidade. Essas práticas não apenas evidenciam a resiliência cultural dos Calon, mas também destacam a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural e religiosa em uma sociedade democrática.

Palavras-chave: Crianças ciganas Calon; Direitos Humanos; Democracia; Colonialidade.

¹ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Detentora de um Mestrado em Educação e Relações Étnico-raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), com pesquisas impulsionadas pela promoção da diversidade e inclusão no âmbito educacional. E-mail: mariacmarques2010@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo investiga as manifestações religiosas e culturais das crianças Calon no acampamento Mathias, em Quissamã, RJ, destacando como essas práticas se conectam aos direitos humanos e à colonialidade. A pesquisa foca em entender como as crianças Calon vivenciam e reinterpretam suas tradições espirituais e culturais no contexto de direitos humanos, analisando a importância dessas práticas para a afirmação da identidade cultural e resistência às dinâmicas coloniais.

A relevância deste estudo emerge em um cenário de lacunas significativas na literatura acadêmica sobre a infância cigana no Brasil, especialmente no que tange às práticas lúdicas e religiosas das crianças em suas comunidades. Enquanto Monteiro (2019) investigou a integração cultural das crianças ciganas, há uma escassez de pesquisas sobre o papel do brincar e dos rituais religiosos na construção da identidade cultural.

Utilizando uma abordagem etnográfica, este artigo, derivado de uma tese defendida em 2023, aborda essa lacuna com foco especial nos momentos de religiosidade, elementos fundamentais para a manutenção da identidade cultural dos Calon. É importante destacar que as conclusões deste estudo não podem ser generalizadas para todas as comunidades ciganas, dada a diversidade entre os diferentes grupos. A análise concentra-se nos Calon de Quissamã, município do Rio de Janeiro, reconhecendo a singularidade de suas práticas culturais e religiosas.

O estudo, realizado durante a pandemia de COVID-19, precisou de adaptações como o uso da fotoetnografia e entrevistas por celular. Segundo Luiz Eduardo Robison Achutti (2021), a fotoetnografia combina fotografia e etnografia para interpretar visualmente as dinâmicas culturais e sociais, explorando significados a partir de uma perspectiva antropológica, usando a fotografia como mediação entre pesquisador e objeto de estudo.

A pesquisa utilizou imagens digitais fornecidas pelos próprios participantes, as crianças Calon, e adotou técnicas de triangulação para garantir a validade e a confiabilidade dos dados. A metodologia também seguiu rigorosamente os princípios éticos, obtendo consentimento informado de todos os participantes e seus responsáveis. Todo o processo de coleta e análise de dados seguiu rigorosamente os princípios éticos estabelecidos, incluindo a obtenção do Consentimento Livre e Esclarecido de todos os participantes e seus responsáveis legais, garantindo que todos estavam cientes dos objetivos da pesquisa, dos métodos utilizados.

As manifestações religiosas, como procissões e rituais vinculados a promessas, foram observadas como momentos cruciais de expressão espiritual e afirmação identitária, especialmente durante a pandemia. Esses rituais, realizados no contexto do acampamento Mathias, não apenas fortalecem a coesão social e a resistência cultural dos Calon, mas também refletem uma conexão profunda entre a religiosidade e a preservação cultural, contribuindo para a resistência frente aos desafios impostos pela colonialidade. A participação ativa das crianças nesses rituais destaca a transmissão intergeracional de práticas culturais e a luta contínua pela preservação de sua identidade em um mundo que frequentemente marginaliza suas tradições.

Em suma, este estudo destaca como as práticas religiosas e culturais atuam como formas essenciais de resistência e preservação cultural para os Calon. Essas manifestações de fé não só reforçam a identidade e autonomia da comunidade, mas também se mostram vitais diante dos desafios contemporâneos. Ao documentar as brincadeiras e manifestações culturais durante um período tumultuado, reafirmamos a relevância de abordagens que respeitem e valorizem sua rica herança. Nosso trabalho busca construir pontes de compreensão, desafiando estereótipos e promovendo uma apreciação genuína da diversidade humana.

APRESENTAÇÃO

*Não precisei de ler São Paulo, Santo Agostinho, São Jerônimo,
nem Tomás de Aquino, nem São Francisco de Assis - para
chegar a Deus. Formigas me mostraram ele.*

Manoel de Barros

O poema de Manoel de Barros (2021) encapsula a essência da simplicidade e da pureza que frequentemente encontramos na infância. O poeta, conhecido por sua capacidade de ver o extraordinário no ordinário, nos lembra que a espiritualidade e a compreensão do divino não estão necessariamente confinadas aos grandes textos teológicos ou aos ensinamentos dos santos. Em vez disso, ele sugere que as coisas mais simples e pequenas, como formigas, podem ser reveladoras e conduzir-nos a uma conexão mais profunda com o divino.

O autor, que brinca com coisas de crianças em suas poesias, caminhou por muitos capítulos da nossa tese sobre as crianças Calon, especialmente no tema do brincar. Sempre que fundamentamos o nosso texto, enriquecemo-lo com a poesia manoelina, trazendo à tona

a beleza e a profundidade que ela captura na infância e nas pequenas coisas. Esse sentimento ressoa profundamente com a experiência das crianças Calon, cujas vidas são marcadas por uma relação íntima com a natureza e suas tradições culturais. As crianças Calon aprendem a ver o mundo com um olhar que valoriza cada pequena coisa, encontrando significado e espiritualidade nas práticas e rituais do dia a dia. Durante a pandemia de COVID-19, a fé e a resiliência dessas crianças se manifestaram nas promessas e nas procissões, que são atos de profunda devoção e esperança. Assim como as formigas de Manoel de Barros (2021) mostraram Deus a ele, as práticas simples e fervorosas das crianças Calon revelam uma compreensão profunda e pura da espiritualidade, que transcende as adversidades e celebra a vida em sua forma mais vibrante.

Já estávamos quase fechando a escrita da tese quando em 27 de julho de 2022, Rita², sogra da Calin Paloma, enviou-nos um vídeo pelo celular sem maiores explicações. Embora Rita seja casada com um Calon, contrariou a prática de evitar o uso do celular, uma norma observada por muitas "brasileiras"³ casadas com Calon, mas que não é seguida rigidamente em todas as situações.

Desde que chegamos lá em 2020, nunca tínhamos ouvido falar dessa procissão. Os ciganos de Quissamã ocultam muitas coisas dos *gadjes*, não ciganos, em relação à sua fé. Sabíamos que Branquinha, mãe das crianças Calon Diana e Moisés, era católica e devota de Nossa Senhora Aparecida, mas nunca mencionou esse evento. O desespero e a ansia de obter esclarecimentos sobre o festejo nos dominaram, junto a um sentimento ruim de não podermos estar presentes, pois os vídeos foram enviados no momento do evento. Hoje, sabemos que nessa data existe a procissão, pois ela se repetirá até que a promessa seja paga. Assim que recebemos os vídeos, procuramos explicações, mas sem sucesso. De repente, o menino Calon Josivaldo nos enviou mais dois vídeos e, em seguida, o menino Moisés. Eles não sabem escrever, então enviam imagens e vídeos, sem sequer um áudio explicativo.

Mais tarde, depois de muito tentarmos, por áudio no *WhatsApp*, a Calin Virgínia Barreto⁴ revela a riqueza e a complexidade das práticas religiosas e culturais dentro da

²Rita não é cigana de sangue e se casou com um Calon, no grupo, ela não é considerada Calin, embora adquira todos os costumes Calon.

³Assim os Calon quissamaenses denominam os não-ciganos.

⁴Vale ressaltar que Virgínia foi a principal apoiadora da pesquisa, recebendo-nos em sua residência, onde inclusive pernoitamos para intensificar ainda mais o estudo. Ela não é cigana de sangue, casou-se com o Calon Disson e aderiu todos os costumes de uma Calin.

comunidade Calon de Quissamã. A cerimônia descrita envolve várias camadas de significado e de tradição, evidenciando como a fé é intrinsecamente tecida na rede social e pessoal dessa comunidade. A Calin Virgínia⁵ me enviou o seguinte áudio:

O pai de Kauã, Jean Soares, fez uma promessa para Debrande (avô de Kauã), porque o avô teve doença maligna na garganta e foi pra cirurgia, e Kauã é doentinho desde pequeno, perdeu o movimento das pernas. É cerimônia de levantar as três bandeiras no alto de um dia para o outro às 17h. No primeiro dia, levanta as três bandeiras no alto e reza, depois corta o mastro. Larissa faz parte porque o pai dela também ficou doente, e também jurou promessa pro Debrande. Essa é fé muito antiga, de muitos anos. Desde que nascem e crescem e sabem que tem fé e fazem promessas. O Pai de Kauã mandou fazer o bolo, mas quem quiser ajudar, pode. Nós chamamos de “esmola” – sai pedindo ajuda para fazer festa para Nossa Senhora Aparecida. Esse momento de hoje não pede mais esmola, mas geralmente, pede esmola. As bandeiras têm muito tempo de feitas, tradição. No segundo dia, abaixa a bandeira, reza e guarda tudo pro próximo ano. A mulher que vai com uma vasilha na mão é porque tá recolhendo as pedras pra não machucar os joelhos.⁶

O que entendemos pelo áudio, mais tarde confirmado, o pai de Kauã, Jean Soares, fez uma promessa em nome de Debrande, seu pai, que sofreu de uma grave doença na garganta. A doença de Kauã, desde a infância, e a perda do movimento das pernas adicionam uma camada de urgência e de profundidade emocional à promessa.

A cerimônia em si é rica em simbolismo. O ato de levantar as bandeiras ao alto não apenas marca o cumprimento da promessa, mas também serve como um ato visível de devoção e de esperança perante à comunidade. O corte do mastro após a oração no primeiro dia simboliza, possivelmente, a quebra de amarras ou o fim de um ciclo de sofrimento. No segundo dia, o ato de baixar algumas bandeiras e guardá-las para o próximo ano ressalta a continuidade e a renovação da fé.

Mais tarde, soube da inclusão da adolescente Calin Larissa na cerimônia devido à doença de seu pai. Tal fato reforça o caráter comunitário desta prática, onde as lutas pessoais e familiares são compartilhadas e apoiadas coletivamente. A tradição de "pedir esmola" para a realização da festa em honra à Nossa Senhora Aparecida mostra como a comunidade se

⁵Calin Virgínia, não cigana, casada com o Calon Édson da Costa, Disson, foi quem me acolheu durante a pesquisa. Devo a ela, toda a contribuição de escrita.

⁶Essa conversa, feita através de áudio do celular, em julho de 2022, feita pela Calin Virgínia.

mobiliza para apoiar essas expressões de fé, mesmo que o costume tenha se modificado com o tempo. Essa santa é considerada a padroeira dos ciganos Calon de Quissamã.

A menção das bandeiras, descritas como antigas e parte de uma longa tradição, destaca a importância da continuidade cultural e a transmissão de práticas religiosas entre gerações. A descrição da mulher coletando pedras para proteger os joelhos daqueles que se ajoelham é um detalhe que ilustra a preocupação e o cuidado dentro da comunidade durante esses atos de devoção.

A fotografia a seguir, copiada do vídeo, nos revela como se processa a procissão.

Figura 1 - Bandeiras na rua e no alto



Fonte: Acervo pessoal

A imagem mostra três bandeiras suspensas em uma carreta, em agradecimento à saúde do menino Calon Matheus Kauã e de outros da comunidade. As bandeiras estão fixadas em cabos de vassoura e decoradas com fitas coloridas, típicas dos vestidos das Calin. São feitas de cetim e contêm gravuras com imagens dos santos padroeiros. As duas primeiras bandeiras trazem os dizeres: “Obrigado Espírito Santo pela vida e saúde de Matheus.” A terceira faixa diz: “Obrigada Nossa Senhora de Aparecida.” O cenário de fé se traduz com o céu ao fundo bem claro, com nuvens brancas, indicando um dia ensolarado, dando mais ênfase às bandeiras.

Depois, perguntamos à Rita mais informações sobre o evento: “Todo ano ele faz, todo dia 27 de julho, promessa para Nossa Senhora do Divino Espírito Santo, Pai Eterno⁷ e Nossa Senhora de Aparecida”, respondeu por mensagem escrita. Rita sabe escrever por ter

⁷Descobrimos, por pesquisas, o significado de Divino Espírito Santo e Pai Eterno. Em muitas celebrações católicas, há cerimônias de descida e de subida de mastros, seguidas de festas, em agradecimento a santos por promessas atendidas.

frequentado a escola antes de se casar com um Calon, como já enfatizamos, era uma “brasileira”. Perguntamos sobre qual promessa, mas ela não respondeu. O que pretendíamos era ratificar o dito por Virgínia. Talvez Rita não pudesse falar naquele momento ou não quisesse, os ciganos Calon não nos contam tudo, muitos relatos foram ocultados por eles.

Figura 2 - A procissão⁸



Fonte: Acervo pessoal

No *print* do vídeo, observamos os mastros das bandeiras cortados. O cenário é a rua principal do acampamento Mathias, caracterizada por uma atmosfera comunitária vibrante. Os participantes, incluindo adultos e crianças, estão vestidos com roupas coloridas, costume Calon, contribuindo para o ambiente festivo da celebração. As bandeiras exibem os símbolos e dizeres considerados sagrados, refletindo a forte expressão de fé da comunidade.

Os estudiosos Calon, pai e filho, Cruz & Cruz (2019) apresentam fatos importantes sobre o catolicismo entre os ciganos. Segundo os autores, ao chegarem ao Brasil, os ciganos adotaram a religiosidade católica, embora, hoje, raramente frequentem missas. Outras religiões também marcaram presença em suas vidas. Os autores destacam que os ciganos são carentes de atenção e de acolhimento, e historicamente, a Igreja Católica não lhes ofereceu esse cuidado. Por isso, viam as religiões com desconfiança e, muitas vezes, tornavam-se reféns de pastores e de outras crenças. Estes estudiosos relataram que muitas vezes os Calon se

⁸ **Legenda:** Diana Soares, Matheus Kauã ajoelhado perto da bandeira vermelha, a criança de vestido vermelho é Mirella, filha de Paloma, irmã de Miriam.

sentem acolhidos por pastores de comunidades evangélicas, adotando essa fé. Embora a religiosidade predominante local influencie, o catolicismo sempre esteve presente em suas vidas.

RELIGIOSIDADE

Folia de Reis

André & Andrade

Senhor e dono da casa, vai chegando a folia
Vem beijar a nossa bandeira e escutar a cantoria
Vem beijar a nossa bandeira e escutar a cantoria ai aiai!

Senhor e dono da casa, se não for muito custoso
Vem abrir a sua porta que nós viemos de pouso
Vem abrir a sua porta que nós viemos de pouso ai aiai!

Senhor e dono da casa, a folia vai saindo
Fica com Deus nosso Pai e a proteção do Divino
Fica com Deus nosso Pai e a proteção do Divino ai aiai!⁹

No distante eco de uma gravação enviada pelo menino Calon Josivaldo, discernimos outra canção bem no fundo. Um som de violão entoando a letra de uma música sacra, um apelo da fé profundamente arraigada dos Calon de Mathias: “Oh, dono da casa, venha ver nossa folia, vem beijar a nossa bandeira e escutar a cantoria. Venha abrir sua porta que nós viemos de pouso, ah, ah, ah. Nosso corpo quer descanso. Fica com Deus nosso Pai e a Proteção do Divino”.

Na letra da canção, a expressão "viemos de pouso" remete a um local de descanso temporário, um conceito que aprofundamos durante as investidas ao campo. O menino Calon Josivaldo frequentemente perguntava onde iríamos "posar", ressaltando a importância desse termo. Segundo Ferrari (2019, p. 258), um pouso é "um terreno ou uma combinação entre casas e terreno, onde é possível acampar". Essa interação destacou a linguagem viva e adaptável dos Calon e a importância de compreender suas nuances culturais para uma análise mais rica e precisa de suas práticas.

⁹Composição: André e Hamilton Carneiro. Hino ao Senhor Divino Espírito Santo, cantado pela Banda Os Ciganos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CmnUCsH2tf0>. Acesso em: 10 de agosto de 2022.

A pandemia de Covid-19, contudo, impôs desafios significativos. A necessidade de isolamento confrontou diretamente a natureza intrinsecamente social dos Calon, mas também evidenciou a resiliência de sua cultura. Apesar das restrições físicas, a tecnologia permitiu que continuássemos nossa pesquisa etnográfica. As chamadas por vídeo e as trocas de mensagens não apenas facilitaram a continuidade do nosso estudo, mas também nos permitiram observar como a comunidade adaptava suas práticas religiosas e sociais ao novo contexto.

SANTA SARA KALI: FIGURA EMBLEMÁTICA DA FÉ CIGANA E SUA RESSONÂNCIA GLOBAL

Fraser (1995) explora a adaptabilidade religiosa dos ciganos ao contexto geográfico e cultural em que se inserem, destacando como essa comunidade reflete as crenças do mundo externo, denominado mundo *dosgadjo* (não ciganos). Segundo ele, os ciganos frequentemente adotam as religiões dos países onde residiram por períodos significativos. Assim, é possível encontrar ciganos católicos, diversas denominações de protestantes, ortodoxos, e até aqueles que seguem o islã, espalhados pelo mundo islâmico e partes do sudeste europeu.

Fraser (1995) destaca que, apesar de ser venerada como padroeira dos ciganos, Santa Sara nunca foi oficialmente reconhecida pela Igreja Católica. Contudo, sua história, embora envolta em lendas, é celebrada como um exemplo de fé e de devoção. Segundo o autor, acredita-se que ela foi uma serva egípcia das tias de Jesus, Maria Jacobe e Maria Salomé, e que foi milagrosamente transportada para a foz do Ródano¹⁰ após a crucificação.

Essa narrativa é central para a celebração em Les-Saintes-Maries-de-la-Mer na França, onde sua chegada é comemorada. Somente em meados do século XIX os ciganos começaram a ser registrados entre os outros peregrinos nesse local. Com o tempo, sua presença se tornou tão significativa que passaram a dominar o primeiro dos dois dias da peregrinação anual. Essa evolução destaca o crescente reconhecimento e integração das tradições Romanis¹¹ no contexto mais amplo das práticas religiosas europeias.

Em Mathias, a celebração de Santa Sara Kali é praticamente inexistente, exceto por uma ocasião mencionada relacionada à sogra de Virgínia, a Calin Joia, destacando a variabilidade na

¹⁰ Rio da Europa ocidental, nasce nos Alpes Suíços, atravessa o lago Genebra, a cerca de 370 metros de altitude, e corre através da Suíça e da França, passando por cidades como Genebra, Lyon, Avinhão e Arles. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$rio-rodano](https://www.infopedia.pt/artigos/$rio-rodano). Acesso em 12 de julho de 2024.

¹¹ Grupo étnico dos ciganos Romà.

observância de seus rituais entre as comunidades ciganas. Desse modo, enquanto em Quissamã as homenagens a Santa Sara Kali podem ser escassas, sua veneração global e em outras partes do Brasil sublinha o rico mosaico de tradições religiosas que caracteriza a comunidade cigana. Reconhecer e valorizar essa diversidade cultural e religiosa não apenas enriquece nossa compreensão da sociedade como um todo, mas também destaca a importância de proteger e de celebrar as várias formas de expressão espiritual encontradas em nosso mundo.

A PRESENÇA DOS CIGANOS NA UMBANDA

Cruz & Cruz (2019) acrescentam que, embora Santa Sara não seja reconhecida oficialmente pela Igreja Católica, seu culto se espalhou significativamente. Nos terreiros de Umbanda no Brasil, ela é celebrada anualmente, o que ajuda a preservar a presença cultural cigana no país. Essa reverência diversificada reflete as várias narrativas sobre sua origem, que a descrevem ora como serva das três Marias presentes na crucificação de Jesus, ora como a parteira de Maria, mãe de Jesus.

A tese que originou esta pesquisa, Maria Marques (2023) lança um olhar afetivo sobre os ciganos, ressaltando sua tradição milenar e a longa jornada pelo Brasil, o que culmina em uma manifestação espiritual singular na Umbanda, com a presença de ciganos desencarnados. Cristina da Costa Pereira (2009) complementa essa visão ao destacar a adaptabilidade religiosa dos ciganos, que aderem à religião dominante da região, seja ela evangélica, católica ou umbandista. Nesse contexto, segundo Marques (2023) as técnicas de adivinhação, como quiromancia e cartomancia, também se refletem na Umbanda, onde as entidades ciganas ocupam papéis centrais. Esse sincretismo demonstra a Umbanda como um espaço de acolhimento e de integração das tradições espirituais ciganas à religiosidade brasileira.

PRÁTICAS SACRAS E ADAPTAÇÕES CULTURAIS DOS CIGANOS

Os ciganos Calon têm uma variedade de costumes. De acordo com o padre Renato Rosso (1986), que teve experiência direta com os ciganos Calon, existe um procedimento específico para escolher o local ideal para instalar suas barracas, uma prática destacada também por Cruz

& Cruz (2019). Ferrari (2010) descreve essa habilidade como “calonidade¹²”, um conceito que vai além da simples escolha do terreno.

O religioso detalha que, antes de erguerem suas moradias temporárias, os ciganos não apenas solicitam a bênção divina, mas também realizam rituais envolvendo o cordão de São Francisco e imagens sacras, além de montarem altares dentro das barracas para assegurar proteção divina. Esta convivência revela uma cultura rica e muitas vezes enigmática, na qual a religiosidade desempenha um papel fundamental, independentemente da fé professada. Cruz & Cruz (2019) observam que esta profunda devoção enquadra os ciganos em uma vertente particularmente mística do catolicismo.

O clérigo também menciona que os ciganos mantêm a tradição de acender velas para os santos como forma de gratidão por graças recebidas, e participam ativamente de romarias e de celebrações, como casamentos e funerais, onde velas também são acesas, evidenciando o papel central dos rituais religiosos em sua vida comunitária.

Figura3 – O menino Calon Matheus Kauã e seu pai na passeata



Fonte: Acervo pessoal

Na foto, observamos o menino Calon Matheus Kauã e seu pai participando do cortejo, a bordo de um veículo utilitário branco. Eles estão em pé na caçamba do carro, movendo-se

¹² Este conceito não apenas reflete a resiliência da comunidade frente às condições ambientais adversas, mas também sua sabedoria cultural e práticas transmitidas de geração em geração, que são essenciais para a manutenção de sua identidade cultural e segurança em seus acampamentos.

através da rua transversal ao acampamento, a principal. A cena transmite uma procissão, uma pequena carreata de fé, que os ciganos participaram, segundo soubemos, anualmente até que se pague a promessa.

Os ciganos frequentemente realizam romarias para cumprir promessas – destacam Cruz & Cruz (2019). A fé era predominante em viagens muito longas. No entanto, essa prática está se perdendo porque as promessas eram extremamente sacrificantes. De acordo com os Calon Cruz & Cruz (2019, p. 218): “As romarias eram feitas a pé ou no lombo de animais (burros e cavalos) e, ocasionalmente, em carrocerias de caminhões (pau de arara)”.

Embora tenhamos muitos moradores evangélicos em Mathias, essa procissão, mesmo transmitida por meios midiáticos, foi um evento marcante para os escritos, pois nunca presenciamos tamanha devoção católica dentro do acampamento. Vale ressaltar que, nas duas vezes em que estivemos na igreja evangélica, situada em Mathias, vimos as mesmas crianças que participavam da romaria católica. Tais fatos comprovam a versatilidade da fé dos ciganos Calon.

O Calon Jucelho Dantas Cruz (2019) descreve suas experiências de infância em acampamentos ciganos, onde vivenciou diversas expressões de fé no catolicismo santorial. Ele destaca que os altares eram simples, feitos de madeira ou com imagens sobre malas, e que a iluminação das velas criava um ambiente de proteção sob as lonas dos acampamentos. Além disso, menciona que a comunicação com os intercessores divinos era realizada através de orações específicas ou rezas tradicionais adaptadas por cada família.

Recorremos a Disson, do acampamento Mathias, pai da menina Calin Vitória, que dizia ser evangélico, mas “às vezes”. Ele disse-nos não saber o que estava acontecendo no momento em que lhe indagamos sobre o evento religioso, mas, pelo que percebemos, tratava-se de algo comum em seu cotidiano. Disson mencionou algo que achamos viável expor no texto.

Foi uma festa aqui de santo, que eles fizeram para Nossa Senhora de Aparecida, Divino Espírito Santo, [...] e mais o quê? (o Calon tenta ouvir alguém que está a seu lado), Divino Pai Eterno. Foi uma festa deles, mas foi muito rápido tudo, nem dava para um terço da festa de comemoração ao santo.¹³

¹³ Mensagem enviada por Calin Virgínia e Calon Disson, via celular, em 17 de julho de 2023, momentos após a procissão.

Esta declaração do Calon Disson revela um aspecto crucial da vida religiosa dentro do acampamento: a celebração de festividades de maneira rápida e, possivelmente, simplificada. As referências a múltiplas deidades católicas, incluindo Nossa Senhora Aparecida e o Divino Pai Eterno, ilustram a fusão de crenças e a intensidade da fé entre os ciganos, ainda que as circunstâncias não permitam comemorações prolongadas. A resposta de Disson também sublinha a adaptabilidade e a resiliência dos membros do acampamento em manter suas tradições vivas, mesmo diante de limitações logísticas e temporais. Este momento de diálogo, apesar de breve, oferece uma janela para a complexa rede de práticas religiosas que caracteriza esta comunidade.

"TERCEIRIZAR" A MAGIA - A LEITURA DE MÃOS

Florencia Ferrari (2010) explora a intrincada relação das Calinpaulistas com o sobrenatural. A autora enfatiza que essa prática é frequentemente acompanhada de bênçãos, rezas e sinais da cruz, elementos que revelam um sincretismo entre o catolicismo popular e religiões afro-brasileiras, como a Umbanda.

Em Quissamã, a prática da quiromancia não é comum. Existiam três Calin, pelo menos na época da pesquisa, que liam as mãos. A Calin Nóia, uma mulher idosa que costumava ficar nas portas dos bancos de Quissamã, a Calin matriarca Joia, mãe do Calon Disson, que antes de envelhecer lia mãos nos arredores de Friburgo, no Rio de Janeiro, e a jovem Calin Larissa, que pertence à nova geração, que frequentemente se desloca para outros estados, continua a praticar a leitura de mãos e a venda de panos de prato.

Em março de 2022, a matriarca Joia ofereceu-se para ler nossas mãos. Durante essa experiência, percebemos que a Calin usa sua mediunidade na prática da quiromancia, apesar de não ter um conhecimento profundo sobre o significado das linhas das mãos. Inicialmente, ela não compreendia os significados das linhas, mas, ao perceber nosso limitado entendimento sobre quiromancia, começou a transformar o momento em uma brincadeira com seu filho Disson e seu neto, o Calon Víctor Barreto, que estavam presentes.

Ferrari (2010) observou, durante seu trabalho de campo etnográfico nas ruas de São Paulo, que as Calin, ao realizarem leituras de mão, frequentemente enfrentavam dificuldades para atender às expectativas dos consulentes. Em uma das situações, uma cigana sugeriu que uma consulente procurasse um pai de santo para resolver seu problema, reconhecendo assim,

segundo a autora, suas próprias limitações em termos de poderes sobrenaturais. A autora aponta que essa atitude da cigana indicava uma compreensão de seus limites espirituais e, ao mesmo tempo, reforçava a autoridade espiritual dos líderes religiosos da Umbanda, estabelecendo-se como uma mediadora entre as práticas da rua e as do terreiro.

Contra-pondo-se à afirmação da autora, a questão não é a falta de poderes sobrenaturais, mas a ausência de recursos específicos para a prática magística no momento, como oferendas e rituais próprios da Umbanda. As Calin têm habilidades mediúnicas, mas seus poderes têm limites contextuais, como demonstrado quando a interlocutora de Ferrari direcionou a consulente a um pai de santo. A pesquisa de Ferrari (2010) é crucial para compreender como as promessas ciganas vão além de rituais de fé, refletindo uma profunda conexão entre religiosidade e preservação cultural, e influenciou significativamente os escritos da tese ao destacar a complexidade das práticas religiosas e culturais dos Calon.

Figura 4- *Print* da procissão ao redor do acampamento



Fonte: Acervo pessoal

A imagem corresponde a um momento da procissão completa, capturando uma carreata ao redor do acampamento com veículos formando uma fila. No carro da frente, como dissemos, vemos a caminhonete do pai do menino CalonKauã, refletindo a devoção e a ritualidade da comunidade cigana durante a romaria. O caminho de terra e as construções simples dos não-ciganos ao fundo reforçam o ambiente do acampamento.

Os estudiosos Cruz & Cruz (2019) discutem como os conceitos católicos, que enfatizam Deus como uma entidade protetora capaz de perdoar e punir, permeiam a vida dos ciganos católicos, um eco de tradições ancestrais. Os autores lembram que, historicamente, os ciganos foram considerados místicos e mágicos, o que levou a perseguições intensas, especialmente durante a época da Inquisição, quando práticas como a quiromancia renderam às mulheres ciganas o rótulo de bruxas, resultando em execuções nas fogueiras.

Os escritos de Cabral e Almeida (2020) exploram as complexidades teológicas durante a pandemia de Covid-19, focando em três conceitos principais: teodiceia, teopatia e teorevolta. A teodiceia tenta justificar a bondade de Deus diante do mal, enquanto a teopatia propõe que Deus sofre junto aos humanos. A teorevolta vai além, reconhecendo o sofrimento de Deus e enfatizando a responsabilidade divina de transformar realidades injustas.

Os autores criticam visões simplistas do sofrimento como manifestações divinas, defendendo um entendimento ativo de Deus no mundo, que trabalha para superar o mal. Depois da pandemia, as promessas dos Calon, como a Promessa do Divino Espírito Santo, tornaram-se símbolos de resistência e de esperança. Esses rituais, que mesclam elementos católicos e ciganos, refletem a resiliência cultural dos Calon em meio à crise.

Adicionalmente, a pandemia agravou a escassez de informações disponíveis para os ciganos Calon em Quissamã, intensificando sua dependência das práticas religiosas tradicionais para orientação e conforto. Este evento transcende o simples ritual de fé, manifestando uma profunda conexão entre religiosidade e identidade cultural cigana.

Tal fato é especialmente relevante no contexto da pandemia, ressaltando a necessidade de uma teologia que confronte o mal e que busque a justiça, reimaginando o papel de Deus na promoção de renovação e de justiça social. Explorar essas manifestações religiosas é essencial, pois enriquece o entendimento acadêmico sobre as complexidades da infância em contextos culturais variados e destaca a importância dessas expressões de fé, fundamentais para a preservação e para a transmissão da cultura cigana.

RESISTÊNCIA CULTURAL E COLONIALIDADE: A FÉ E A IDENTIDADE DOS CALON

Segundo GreycyKelle de Andrade Cardoso (2018), os ciganos adotam um código de autopreservação destinado a manter os não-ciganos alheios a seus costumes e práticas. Tal conduta contribui para o surgimento de mitos e de fantasias acerca deste grupo,

frequentemente baseados em estereótipos e em preconceitos. Cardoso (2018) destaca que, no contexto ocidental, os ciganos são frequentemente vistos de maneira ambígua, o que provoca reações emocionais extremamente diversas.

Essa dualidade, como sugerem alguns estudiosos mencionados pela autora, pode ter sido decisiva para a persistência dos ciganos ao longo dos séculos. Esta ambivalência é igualmente partilhada por outros grupos minoritários no Brasil, ocasionando discordâncias na sociedade. Muitas vezes, esses coletivos são estigmatizados e avaliados por informações imprecisas e ilusórias. Assim, torna-se imperativo reconhecer a complexidade dessas comunidades, evitando a perpetuação de visões estereotipadas que possam contribuir para sua marginalização e sua exclusão.

Jones Faria Mendonça e Thiago da Silva Pacheco (2023) introduzem o conceito de colonialidade, elaborado por Aníbal Quijano (1992), como uma matriz ideológica que sobreviveu às independências políticas das colônias e continua a gerar desigualdades, exploração, discriminação e preconceito religioso. Os autores buscam identificar a persistência desse sistema classificatório que, mesmo após a independência política, continua a influenciar a produção cultural e religiosa dos povos indígenas e africanos escravizados.

Segundo os autores, existe uma contínua subalternização das religiões de matriz africana e indígena, evidenciada pela discriminação e violência dirigidas contra essas práticas religiosas. A violência estrutural contra essas religiões é vista como uma continuidade da lógica colonial, perpetuada por mecanismos legais e sociais que marginalizam essas expressões culturais.

Mendonça e Pacheco (2023) discutem como a colonialidade do poder se manifesta na política e nas práticas religiosas. Eles argumentam que a imposição do cristianismo durante a colonização criou uma hierarquia religiosa que ainda hoje legitima a exclusão e a discriminação de religiões não cristãs. Embora os direitos religiosos sejam formalmente reconhecidos, na prática, as religiões de matriz africana e indígena continuam a enfrentar perseguição e preconceito. Os autores concluem que a superação da colonialidade requer um reconhecimento das contribuições culturais e religiosas dos povos subalternizados e uma reformulação das políticas públicas para garantir a verdadeira liberdade religiosa. Eles defendem a necessidade de um diálogo intercultural que respeite e valorize a diversidade religiosa como um passo essencial para combater a discriminação e a violência estrutural.

A promessa seguida de procissão exposta aos ambientes dos não-ciganos exemplifica como essas práticas refletem a colonialidade que continua a influenciar as dinâmicas sociais e culturais da comunidade. As imagens do menino Calon Matheus Kauã ajoelhado em agradecimento pela saúde e pela vida são símbolos poderosos dessa fé, que mesclam elementos católicos e ciganos.

Os Calon de Quissamã demonstram uma adaptação cultural onde elementos católicos são integrados às suas tradições. Esta sincretização é uma forma de resistência cultural, onde os Calon mantêm suas práticas religiosas enquanto negociam sua posição em uma sociedade que historicamente os marginaliza. Conforme discutido pelos estudiosos, a colonialidade do poder legitima a exclusão de práticas religiosas não cristãs, perpetuando a discriminação contra religiões de matriz africana e indígena e muitas vezes, os ciganos também estão inseridos como povo que evoca magias. As práticas religiosas dos Calon, embora católicas, são frequentemente vistas com desconfiança e com preconceito devido à sua origem cigana.

Integrando as abordagens e os resultados do estudo de Mendonça e Pacheco (2023), a pesquisa sobre as crianças Calon pode se beneficiar de uma análise comparativa que destaque a importância da documentação e da memória coletiva na preservação e valorização das práticas culturais e religiosas. As práticas religiosas dos Calon, documentadas visualmente e analisadas à luz da colonialidade, evidenciam a importância da religiosidade na construção de sua identidade cultural e na luta por reconhecimento e direitos. Este enfoque não apenas enriquece a compreensão das dinâmicas culturais entre as crianças Calon, mas também reforça a necessidade de promover uma sociedade que reconheça e valorize a diversidade cultural e religiosa.

JUSTIÇA SOCIAL: DESAFIOS EM DEMOCRACIA, DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

Denise dos Santos Rodrigues e Vânia Morales Sierra (2024) exploram as complexidades e os desafios enfrentados na elaboração e na execução de políticas públicas contemporâneas que buscam integrar os direitos humanos como referência central. Este trabalho é particularmente relevante no contexto das comunidades marginalizadas, como os Calon de Quissamã, oferecendo uma perspectiva crítica sobre a interseção entre reconhecimento cultural e justiça social.

A pesquisa das autoras discute a crescente pressão dos movimentos sociais para o reconhecimento dos direitos das identidades sociais, ampliando assim a concepção de justiça social. Esta abordagem considera simultaneamente as necessidades dos diversos grupos sociais, indo além da simples igualdade formal para abordar a inclusão substancial e o respeito às diferenças. Os escritos de Rodrigues e Sierra (2024) têm como objetivo identificar os efeitos das políticas de direitos humanos nas democracias contemporâneas e examinar a possibilidade de uma nova forma de justiça social, conforme defendida por pensadores como Nancy Fraser (2002) e Boaventura de Sousa Santos (1997), mas criticada por outros, como Marcel Gauchet (2002).

As pesquisadoras argumentam que a incorporação das demandas por respeito às diferenças nas políticas públicas representa uma evolução significativa na concepção de justiça social. Este paradigma se baseia na premissa de que a justiça não deve apenas corrigir desigualdades econômicas, mas também reconhecer e valorizar as identidades culturais e sociais de grupos marginalizados. Esta perspectiva é crucial para entender como os Calon de Quissamã têm adaptado elementos católicos às suas tradições culturais, criando uma sincretização religiosa que reflete tanto resistência quanto adaptação.

Um dos pontos centrais da discussão sobre os impasses na questão social é enfatizado por Rodrigues e Sierra (2024). Embora a judicialização possa ser um mecanismo para garantir direitos, ela também pode criar barreiras burocráticas e legais que dificultam a efetiva implementação de políticas de reconhecimento.

Este dilema é evidente nas experiências das comunidades Calon, cujas práticas culturais frequentemente enfrentam desconfiança e preconceito devido à falta de entendimento e reconhecimento por parte das instituições legais e sociais dominantes. Além disso, a falta de documentação de muitos Calon gera obstáculos significativos para que recebam assistência governamental. A mobilidade dessa comunidade também impõe desafios adicionais, como a dificuldade de matricular seus filhos nas escolas, exacerbando sua exclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: GUARDANDO AS BANDEIRAS, A FESTA TERMINA

Este estudo buscou explorar as práticas religiosas das crianças Calon no acampamento Mathias, em Quissamã, RJ, como um meio de compreender a manutenção da identidade cultural e a resistência à colonialidade. A partir da análise etnográfica e da fotoetnografia, foi possível

identificar que essas práticas, como promessas, procissões e rituais religiosos, desempenham um papel central na vida espiritual e social da comunidade Calon. As práticas religiosas dos Calon não são apenas manifestações de fé, mas também mecanismos fundamentais para a coesão social e a resistência cultural, servindo como uma resposta às adversidades históricas e contemporâneas enfrentadas por essa comunidade.

As promessas e procissões, como a feita pelo pai de Kauã Soares em agradecimento pela recuperação de sua saúde, exemplificam como essas práticas religiosas transcendem o âmbito individual e se inserem no coletivo. Elas não apenas reforçam os laços comunitários, mas também atuam como formas de resistência cultural contra a colonialidade e as forças marginalizadoras que tentam subordinar e apagar a identidade cigana. A participação ativa das crianças Calon nesses rituais desde cedo é um elemento crucial para a continuidade e a renovação das tradições culturais, garantindo a transmissão intergeracional de conhecimentos e de práticas que sustentam a identidade Calon.

Ao longo do artigo, discutiu-se como as práticas religiosas dos Calon, embora enraizadas no catolicismo, são marcadas por um sincretismo único que integra elementos da religiosidade cigana tradicional e do catolicismo popular. Este sincretismo não é apenas uma adaptação ao contexto local, mas também uma estratégia de afirmação identitária que permite aos Calonde Quissamã negociar sua posição em uma sociedade que historicamente os marginaliza. As bandeiras, as procissões e as promessas são mais do que simples rituais; elas são símbolos de resistência e de resiliência cultural, que afirmam a identidade Calon frente às pressões de assimilação e de marginalização social.

A pesquisa mostrou que as práticas religiosas desempenham um papel vital na preservação da cultura e da identidade Calon, proporcionando um espaço para que a comunidade possa expressar sua fé e sua ligação com suas raízes culturais de maneira coletiva e pública. Em tempos de crise, como a pandemia de COVID-19, essas práticas assumiram uma importância ainda maior, oferecendo um meio de orientação espiritual e coesão social em meio às incertezas. As promessas e rituais realizados durante e após a pandemia foram atos de gratidão e de resiliência, demonstrando a capacidade da comunidade de manter suas tradições vivas mesmo diante de desafios significativos.

Além disso, o estudo destacou a relevância das práticas religiosas na luta por direitos humanos e reconhecimento cultural. As manifestações religiosas dos Calon, ao serem

realizadas nos arredores de comunidades não ciganas, desafiam a colonialidade do poder que ainda persiste nas estruturas sociais e políticas contemporâneas. Ao incorporar elementos católicos em suas tradições, os Calon não apenas preservam sua identidade cultural, mas também afirmam sua presença e seu valor em uma sociedade que frequentemente os vê de forma estereotipada e preconceituosa.

A conclusão mais ampla que este estudo oferece é a de que, para compreender plenamente a dinâmica da identidade cigana e da resistência cultural, é essencial reconhecer a centralidade das práticas religiosas como formas de expressão cultural e de resistência. As crianças Calon, ao se engajarem ativamente nas práticas religiosas desde cedo, não estão apenas participando de rituais de fé, mas também aprendendo e internalizando os valores e as tradições que sustentam a coesão social e a resiliência de sua comunidade. Este engajamento desde a infância é fundamental para a manutenção da identidade cultural em face das pressões externas de assimilação e marginalização.

Por fim, este artigo reforça a necessidade de promover uma maior compreensão e valorização da diversidade cultural e religiosa em sociedades democráticas. As práticas religiosas dos Calon, documentadas e analisadas neste estudo, evidenciam a importância de reconhecer e valorizar as múltiplas formas de expressão cultural e religiosa que coexistem em nosso mundo. Promover o respeito e o reconhecimento dessas práticas é crucial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, que reconheça a riqueza da diversidade cultural e permita que todas as comunidades possam viver e expressar sua fé e sua cultura livremente. O reconhecimento e o apoio às práticas religiosas dos Calon são, portanto, não apenas uma questão de direitos culturais, mas também um passo fundamental para uma sociedade verdadeiramente democrática e inclusiva.

Documentar e analisar as práticas dos Calonde Quissamã não só enriquece o entendimento acadêmico, mas também fortalece a luta pelos direitos humanos e pela democracia substancial no século XXI. Que possamos, além de respeitar os rituais tradicionais, como o corte dos mastros das bandeiras, também levantar bandeiras da democracia e dos direitos que os ciganos foram privados por muitos anos, reconhecendo seu papel na história e na cultura do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabio Lopes; ABREU, Claudia Barcelos de Moura; SCHROEDER, Tânia Maria Rechia; ESTRADA, Adrian Alvarez. Comemoração dos 25 anos de foto etnografia: entrevista com Luiz Eduardo Robinson Achutti. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 27, n. 61, p. 437-452, set./dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832021000300015>. Acesso em: 15 de setembro de 2024.

BARROS, Manoel de. *Ensaaios fotográficos*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2021.

CABRAL, Alexandre Marques; ALMEIDA, Edson Fernando de. Teodiceia, Teopatia e Teorevolta: Por uma Cartografia do Mal em Tempos de Coronavírus. *Estudos Teológicos, São Leopoldo*, v. 60, n. 2, p. 446-465, maio/ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i2.4088>. Acesso em: 28 de junho de 2024.

CARDOSO, Greycelle de Andrade. *'Nós somos ciganos. E você, o que é?': processos identitários entre três gerações de ciganos calon no Estado do Espírito Santo*. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2018.

CALIN, Virgínia; DISSON, Calon. Entrevista [mensagem via celular]. 17 jul. 2023.

CARNEIRO, André; CARNEIRO, Hamilton. *Hino ao Senhor Divino Espírito Santo*, cantado pela Banda Os Ciganos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CmnUCsH2tf0>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CRUZ, Jucelmo Dantas e CRUZ, Tarciso José Martins Dantas da. O Catolicismo e a ciganidade brasileira. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes et al. (Orgs.). *Ciganos: olhares e perspectivas*. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

FERRARI, Florencia. *O mundo passa - uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-02082010-191204/publico/FlorenciaFerrari_2010.pdf. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

FRASER, Angus. *The Gypsies. The People of Europe*. Hoboken: Blackwell Publishing, 1995.

FRASER, Nancy. A justiça social na globalização: Redistribuição, reconhecimento e participação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, outubro 2002. Portugal.

GAUCHET, Marcel. *La démocratie contre elle-même*. France: Éditions Galimard, 2002.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; BATISTA, Mércia Rejane Rangel (Orgs.). Dossiê Ciganos no Brasil: um exercício de comparação etnográfica. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 7, p. 8-15, jul./dez. 2018.

MARQUES, Maria Cristina. *O Brincar, a Educação e as Crianças Calon do Acampamento Cigano de Quissamã, RJ: uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens*. 2023. 408f. Disponível em :<http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/20206>. Acesso em 23 de março de 2024.

MENDONÇA, J. F.; PACHECO, T. da S. Colonialidade de poder e religião: repercussões no tempo presente. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, 13(2), 170-184, 2023. DOI: 10.29327/256659.13.2-10. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/2193>. Acesso em: 26 de junho de 2024.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto. *Tempo, redes e relações: uma etnografia sobre infância e educação entre os Calon*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214897>. Acesso em: 18 de março de 2024.

PEREIRA, Cristina da Costa. *Os Ciganos ainda estão na estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú indígena*, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponível em: <https://www.la-vaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 29 de junho de 2024.

RODRIGUES, D. S.; SIERRA, V. M. Democracia, Direitos Humanos e Cidadania: as "novas políticas de reconhecimento" e os impasses na judicialização da questão social. *Espaço Acadêmico*, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/11172>. Acesso em: 29 de junho de 2024.

ROSSO, Renato. *Ciganos: um povo de Deus*. Belo Horizonte: Fundação M. Resende Costa, 1986.

SANTOS, Boaventura Souza. *Uma concepção multicultural os direitos humanos*. São Paulo: Lua Nova, nº39, 1997.

SHIMURA, Mário Igor. *Duvelismo: identidade e pluralidade religiosa Cigana*. Londrina: Descoberta, 2014.

TOYANSKY, Marcos. Identidades cigana: origens, grupos e contextos. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; BATISTA, Mércia Rejane Rangel (Orgs.). Dossiê Ciganos no Brasil: um exercício de comparação etnográfica. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 7, p. 17-37, jul./dez. 2018.

ABSTRACT:

This paper, derived from a doctoral thesis defended in 2023, seeks to understand the active participation of Calon Romani children in faith processions, aiming to preserve cultural maintenance and identity. The aim of this study is to analyze how the Calon children from the Mathias camp in Quissamã (RJ) experience and reinterpret their religious and cultural practices, considering human rights and coloniality. The adopted methodology is the ethnographic one, using photoethnography and interviews conducted via cell phone. The main results indicate that rituals and promises play a central role in the spiritual life of Calon children, being essential for the affirmation of their human rights and resisting colonial dynamics. It is concluded that religious practices, such as Catholic promises and processions, are fundamental for the construction and maintenance of cultural identity and for the social cohesion of the community. These practices not only highlight the cultural resilience of the Calon but also emphasize the importance of recognizing and valuing cultural and religious diversity in a democratic society.

Keywords: Calon gypsy children; Human rights; Democracy; Coloniality.

Recebido em 12/07/2024.

Aprovado para publicação em 24/08/2024.